

JORNAL DO FUNDÃO

ANO XXIX — N.º 1412
3 DE FEVEREIRO DE 1974

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: FUNDÃO — TELEF. 5 22 11
EDITOR E PROPRIETÁRIO: ANTÓNIO PAULOIRO

SEMANARIO
DIRECTOR — ANTÓNIO PAULOIRO

NUMERO AVULSO — 2600
(52 NÚMEROS) — 90500
ASSINATURA ANUAL

28.º ANIVERSARIO DO «JORNAL DO FUNDÃO»

Cardoso Pires, Eugénio de Andrade e Cargaleiro

afirmação das enormes potencialidades humanas da Beira Baixa



Abertura da sessão pelo nosso director, que presidiu. A sua direita sentaram-se a sr.ª Dr.ª Maria de Lurdes Bártolo, directora do Museu de Arte Contemporânea, o Dr. Raul Rego, director do nosso colega «República» e o ensaísta Dr. José Palla e Carmo e à esquerda o Prof. Stephen Reckert, o escritor Prof. Oscar Lopes e o Dr. António Ruella Ramos, director do nosso colega «Diário de Lisboa».

O QUE FOMOS E SEREMOS

Menos pela comemoração de um aniversário — facto, aliás, relevante no trânsito de um jornal que se joga em cada parada — mas, principalmente, a partida para novas fronteiras, fizeram dos 28 anos um claro sinal de rejeição e esperança.

Antes, conviria afirmar que o quarto de milhão que somos e os mais — quantos? — ligados ainda às raízes não podem conformar-se com a visão simplista de naturais da terra de A ou B. A Beira Baixa, pese embora a quem suporta, resignado, tantas frustrações e fracassos, tem que honde para afirmar, em vários domínios do pensamento e da acção, raras potencialidades. Como se provou.

A sanar frés compromissos, hoje os maiores das Letras e das Artes, e dos grandes de sempre, vieram todos, menos os que, pressurosos a aplaudir efémeras glórias forjadas, ignoram a obra dos que verdadeiramente engrandecem esta provincia e o País.

Havia ainda um facto de enorme importância na vida deste semanário, e a conjugação de tantos factores ganhava a força dos acontecimentos dignos e duradouros. Tratava-se de dizer, lealmente, serenamente, ao arripio das convenções usuais no mundo dos negócios — mas, no traio desta casa, a única via possível — que a nossa equipa fora aumentada no topo, pela primeira vez.

Dai as palavras que no corpo da reportagem se transcrevem, ditas na sessão de 26.

Não temos a ilusão de supor que esta linear franqueia cale boatos e insinuações. Os ignorantes do que foi a vida deste jornal, do que ela viria a ser em face das dificuldades que a cada hora surgem, possivelmente discordarão da solução escolhida. Adiante. Se amanhã, tolhidos na voragem dos custos, a debilidade das receitas nos fizesse tocar a rebate, quantos acediriam?

Seja como for, a verdade é que ninguém poderá acusar-nos de algum dia termos escamoteado qualquer dos elementos de informação necessários à correcta apreciação do que somos.

Voluntariamente anunciamos a boa nova: Agostinho da Silva, — e não qualquer das empresas de que faz parte — Agostinho da Silva, homem de acção, cuja lealdade não sofre reservas, vai participar na empresa editora que garantirá a vida deste jornal.

Dissemos isto, na fidelidade à coerência que alguns terão por ingenua — e apenas por vontade nossa, já que Agostinho da Silva, modestamente, nem sequer desejava tal revelação — em defesa do que supomos ser um dever ético. Obviamente, a informação deverá começar por aquela que de nós ao leitor se dá.

E sendo um dever foi,

singlelamente também uma homenagem a José Cardoso Pires, Eugénio de Andrade e Manuel Cargaleiro — naquela hora que era sua, por gratidão da provincia natal: revelar a verdade sobre o futuro do «Jornal do Fundão».

Anunciámo-la quando centenas de dificuldades de perto, outros chegados após uma jornada longa e incómoda, quiseram dar-nos a alegria da sua presença.

Apesar de tão rasgada franqueia, haverá quem, por gesto ou idiosincrasia, continue a lançar sementes de dúvida? Decerto.

Fica, a esses, o cuidado de aguardarem.

Fazer um jornal é diferente de praticar um negócio — de que até se diz que a alma é o segredo. Um jornal é o que publica. Um jornal é as lutas que trava, as questões que aborda ou escamoteia, as palavras claras ou dúbias que usa, as opções que acolhe ou rejeita.

Dai não termos o juízo dos que vierem de recta intenção. A posição moral até agora assumida pode facilmente ater-se por uma acção que em cada número se afirma ou nega.

E porque esta voluntária tomada de posição, este prestar de contas que ninguém pediu nos dá plena tranquilidade de consciência, entreguemos ao futuro o julgamento do bom ou mau que fizemos.

Confiadamente.

Quatro momentos que se em favor poderemos considerar dos mais altos da história cultural da Beira Baixa, assinalaram, nos dias 26 e 27, os vinte e oito anos do «Jornal do Fundão». Se a sessão em que Stephen Reckert, José Palla e Carmo, Maria de Lurdes Bártolo e Oscar Lopes (alaram de José Cardoso Pires, Manuel Cargaleiro e Eugénio de Andrade) foi em tudo digna dos propósitos que a determinaram, a edição do filme «Jaimes», quarenta minutos de encantamento e emoção, obra do Poeta António Reis, e os convívios, francos e abertos, da ceia e do almoço — em que dialogaram ou se encontraram tantas figuras de primeira plana do País — completaram aquilo a que poderemos chamar a hora fundanense da cultura portuguesa.

«Jornal do Fundão» além de registar com grande alegria a presença de tantos e tão qualificados amigos, sente o legítimo orgulho de verificar que ao fim de vinte e oito anos de trabalho, prémio maior e mais estimado não poderia ter.

A SESSÃO

Abriu a sessão o nosso director, que disse:

«Há vinte e oito anos, quando as esperanças de fundar um jornal morriam e renasciam em cada semana, a grandeza do cometido aconselhava a procura de deses tutelares que não podiam deixar de ser enterrâneos ilustres. Um verso de Gil Vicente «Eu sou da Covra da Beira lá de junto do Fundão» somado à simpatia das figuras que o Mestre fez daqui naturais, foram estímulo para a escolha do patrono. Era em 1945 e nem é preciso dizer a importância.»

Molagradas as investigações para trazer mestre Gil à nossa cidadania e arredada a hipótese de eleger

(CONTINUA NA 2.ª PÁGINA)

«JORNAL DO FUNDÃO»

UM PROGRAMA DE INFORMAÇÃO ACTUALIZANTE

— disse JOSÉ CARDOSO PIRES

Eugénio de Andrade e Manuel Cargaleiro impuseram-me procuração para falar do nosso comum reconhecimento a António Pauloero e a todos os presentes por esta oportunidade de convívio. Para agradecer a dr.ª Maria de Lurdes Bártolo, a Oscar Lopes e a José Palla e Carmo todo o empenho que puseram em nós lerem aqui, publicamente, para lá da superfície das formas e da escrita. E já que sou eu a ter a palavra, que ponha aqui um sublinhado pessoal nesta acta de gratidão, voltando-me para o Prof. Stephen Reckert: ele é para mim um exemplo de independência pedagógica e de erudição viva e actualizada (insisto: «vivas», «actualizadas») no conhecimento das letras portuguesas.

E que o nosso ensino da Literatura anda quase exclusivamente a passo necrológico, ao contrário do que acontece no Brasil e nos departamentos das universidades estrangeiras. Exaltem-se os mortos e ignorem-se os vivos é a divisa, parece.

Ora, quanto a mim, a liacção a tirar da presença aqui de Cargaleiro, de Eugénio de Andrade e de outros homens de letras, é que António Pauloero, a pretexo da nossa geografia cultural, quis exactamente lembrar os vivos, todos os escritores deste país e desta hora que vivem na tolerância do presente e rodeados de lápides do passado, tão pesadas e tão a esmo.

Em boa verdade, pouco interessa o onde e a maneira como se nasce. Importa muito mais a morte e o modo como a forjámos, vivendo. Eu próprio, da minha terra natal tenho uma definição antiga e simplista: deserto de pedras, padres e pedintes — e uma imagem mais recente: sicília abandonada, sol a pino, ruas vazias, e a marcar o tempo o martelar dum sapateiro num portal. Aldeia emigrada portanto.

Mas além do bergo e da minha ascendência de camponeses radicados para sempre nos Estados Unidos, eu penso que ao nível cultural também eu, todos nós, escritores, somos emigrantes. Emigrantes por referência topográfica e acima de tudo mental: criaturas que procuram romper os limites e as imposições do meio geral para arriscarem a sua aventura privada. Mais: emigrantes de salto, sem passaporte intelectual que lhes abra portagem e que, mesmo assim, sempre vão careando a sua migalha confiante para uso da pátria madrastra.

Com isto quero eu dizer que uma terra, uma provincia, estão por vezes muito longe da madre geográfica. Que a nossa cultura não reside exclusivamente em Lisboa e menos ainda em Coimbra; mas que está ali e onde menos se espera: numa universidade americana ou num clube de provincia, numa cooperativa de emigrados, numa iniciativa talvez frustrada de meia dúzia de isolados. Que a Beira-Baixa não é uma simples designação etnográfica ou administrativa nem um lugar-comum de caciquismo político — longe disso.

De muitas maneiras e mais uma é isso que me faz ver o «Jornal do Fundão». Descreve-me uma área do meu país, com a sua ambiência existencial e a sua equação social mas sem transgriir nos baírrimos que alimentam as folhas provincianas e que servem ao impressionismo retórico dos cronistas cidadãos. Pelo contrario. Conta, faz a reportagem semanal dum região, mas jamais a amesquinha com as sempre-bvindas agurelas da par ruris nem com as entrebenedoras modestas paraquiais. A sua sobriedade é outra, a sua comunhão mais profunda. Encara com persistência e sem arrogâncias, este nó da terra no vector da actualidade do país: aquilo que o seu particular tem de nacional, e depois, de universal. No que há nele de sintomático da realidade comum a nove milhões de cidadãos.

(CONTINUA NA 8.ª PÁGINA)



Aspecto parcial da assistência à sessão do dia 26 no Cine-Teatro Garduina

Artes para grandes contradições da sociedade portuguesa



Camaradagem: Cardoso Pires, Eugénio de Andrade e Óscar Lopes. Palla e Carmo e Francisco Mota, que se vêem em segundo plano estão momentaneamente afastados do grupo.



O professor francês Arnaud Duchamps fala, com o maior interesse, de Cardoso Pires, Eugénio de Andrade e Manuel Carneiro, ouvindo pelos dois últimos.



José Carlos de Vasconcelos e Adelino Tavares da Silva brindam por quem? No outro plano, Eduardo Guerra, Carlos Ernesto Melo e Castro, Maria Alberta Menêres e Fernando Lopes.



Durante o almoço o escritor Cardoso Pires conversa com os srs. governador civil e presidente da Câmara Municipal do Fundão e Dr. Albano de Oliveira.



Durante a actuação do grupo coral da Associação do Pessoal do Jornal do Fundão, dirigido por D. Lucília Figueira.

Vamos comemorar esta data, conversando acerca de três com provincianos, que, como disse o nosso amigo António Paulo, o nós mal conhecemos — apesar de ocuparem lugar relevante na cultura do nosso País.

Não sei se por mim será capaz de corresponder. E isto é uma tomada de consciência do valor da sua obra e não uma homenagem que recusariam. Fariam bem. Lembremo-nos de um livro de Anatole France — uma das suas obras menos conhecidas e também das menores — em que em certa altura descreve dois irmãos em evolução social e diz mais ou menos por estas palavras: «Um deles conseguiu obter honras e honrarias com o seu talento e o outro com o seu talento conseguiu evitá-las».

Por outro lado, não sei se saberei analisar exactamente toda a obra de Cardoso Pires porque evidentemente ela está inacabada. (...)

Ora, o perigo dos balanços ainda em vida é que se tornam ainda mais provisórios os nossos juízos do que normalmente são. Pode, todavia, tentar avaliar-se o conjunto da obra — até já o fiz uma vez em estudos que abrangiam toda a sua obra. Para esta noite sei o que se tornam juízos do que normalmente são. Pode, todavia, tentar avaliar-se o conjunto da obra — até já o fiz uma vez em estudos que abrangiam toda a sua obra. Para esta noite sei o que se tornam juízos do que normalmente são.

Tratando-se, como se trata, de um confabulador inato, um contador de histórias por excelência, não deveria contar-vos o enredo, o entrecho das histórias. Mas tenho uma dúvida: é o enredo, só por si, e nem distingo, porque não queria entrar em problemas de técnica literária, dois aspectos que realmente distinguem e que são a fábula ou a história propriamente dita ou seja, a narração daquilo que efectivamente ocorreu, e o discurso, que é um modo pelo qual o leitor toma conhecimento dessas ocorrências. E digo o modo pelo qual o leitor toma conhecimento das ocorrências e não a forma utilizada pelo escritor, por duas razões: primeiro, porque não é tudo a mesma coisa, interessa muito a análise literária do ponto de vista do leitor, ou seja, da recepção daquele mensagem que é emitida pelo escritor, e, por outro lado, porque também, como vos disse, procuro evitar essas análises de técnica literária, aliás, devo esclarecer que se soubesse antecipadamente o teor das palavras do professor Reckert teria modificado um pouco a minha posição. Vou tentar ainda fazê-lo falar muito do «Delfim» e vi que já foi tratado muito bem pelo professor Reckert que, aliás, não foi totalmente justo porque algumas pessoas já fizeram essas análises de técnica literária.

Tratando-se, como se trata, de um confabulador inato, um contador de histórias por excelência, não deveria contar-vos o enredo, o entrecho das histórias. Mas tenho uma dúvida: é o enredo, só por si, e nem distingo, porque não queria entrar em problemas de técnica literária, dois aspectos que realmente distinguem e que são a fábula ou a história propriamente dita ou seja, a narração daquilo que efectivamente ocorreu, e o discurso, que é um modo pelo qual o leitor toma conhecimento dessas ocorrências. E digo o modo pelo qual o leitor toma conhecimento das ocorrências e não a forma utilizada pelo escritor, por duas razões: primeiro, porque não é tudo a mesma coisa, interessa muito a análise literária do ponto de vista do leitor, ou seja, da recepção daquele mensagem que é emitida pelo escritor, e, por outro lado, porque também, como vos disse, procuro evitar essas análises de técnica literária, aliás, devo esclarecer que se soubesse antecipadamente o teor das palavras do professor Reckert teria modificado um pouco a minha posição. Vou tentar ainda fazê-lo falar muito do «Delfim» e vi que já foi tratado muito bem pelo professor Reckert que, aliás, não foi totalmente justo porque algumas pessoas já fizeram essas análises de técnica literária.

Tratando-se, como se trata, de um confabulador inato, um contador de histórias por excelência, não deveria contar-vos o enredo, o entrecho das histórias. Mas tenho uma dúvida: é o enredo, só por si, e nem distingo, porque não queria entrar em problemas de técnica literária, dois aspectos que realmente distinguem e que são a fábula ou a história propriamente dita ou seja, a narração daquilo que efectivamente ocorreu, e o discurso, que é um modo pelo qual o leitor toma conhecimento dessas ocorrências. E digo o modo pelo qual o leitor toma conhecimento das ocorrências e não a forma utilizada pelo escritor, por duas razões: primeiro, porque não é tudo a mesma coisa, interessa muito a análise literária do ponto de vista do leitor, ou seja, da recepção daquele mensagem que é emitida pelo escritor, e, por outro lado, porque também, como vos disse, procuro evitar essas análises de técnica literária, aliás, devo esclarecer que se soubesse antecipadamente o teor das palavras do professor Reckert teria modificado um pouco a minha posição. Vou tentar ainda fazê-lo falar muito do «Delfim» e vi que já foi tratado muito bem pelo professor Reckert que, aliás, não foi totalmente justo porque algumas pessoas já fizeram essas análises de técnica literária.

Tratando-se, como se trata, de um confabulador inato, um contador de histórias por excelência, não deveria contar-vos o enredo, o entrecho das histórias. Mas tenho uma dúvida: é o enredo, só por si, e nem distingo, porque não queria entrar em problemas de técnica literária, dois aspectos que realmente distinguem e que são a fábula ou a história propriamente dita ou seja, a narração daquilo que efectivamente ocorreu, e o discurso, que é um modo pelo qual o leitor toma conhecimento dessas ocorrências. E digo o modo pelo qual o leitor toma conhecimento das ocorrências e não a forma utilizada pelo escritor, por duas razões: primeiro, porque não é tudo a mesma coisa, interessa muito a análise literária do ponto de vista do leitor, ou seja, da recepção daquele mensagem que é emitida pelo escritor, e, por outro lado, porque também, como vos disse, procuro evitar essas análises de técnica literária, aliás, devo esclarecer que se soubesse antecipadamente o teor das palavras do professor Reckert teria modificado um pouco a minha posição. Vou tentar ainda fazê-lo falar muito do «Delfim» e vi que já foi tratado muito bem pelo professor Reckert que, aliás, não foi totalmente justo porque algumas pessoas já fizeram essas análises de técnica literária.

AS PERSONAGENS

Ora bem, outro tópico poderia ser o das personagens. E aqui já nos começamos a aproximar mais da sua relação ao papel, isto é, da tripla relação física entre o autor, as suas personagens insisto neste ponto — e o autor. Deixando para outra altura, (se vier a propósito ainda lhe tocarei senão passaremos por cima desse ponto) as relações entre as personagens e as pessoas da vida real, porque isso serve-me para outro problema que é o das relações entre a obra de arte e a realidade. Mas esta distinção parece-me importante porque, quanto ao ponto de vista do leitor, é sempre de ver que, para nós, primeiros rigorosamente o nosso papel de leitores, deveremos saber mais do que as personagens. Eu discordei e a minha discordância vem muito a propósito porque, em relação às primeiras obras de José Cardoso Pires, podemos dizer que o leitor, e o próprio autor, pouco sabiam sobre as personagens. Sabiam rigorosamente o que elas diziam e faziam. E, depois, embora a sua arte narrativa se tenha tornado muito mais dúctil, maleável, pessoalizada digamos, sobretudo a partir do «Anjo Anconor», no entanto, nunca abandonou completamente este processo ou esta posição em relação às suas personagens, como tentarei dizer daqui a pouco.

O AMBIENTE

Pensamos, a seguir, no ambiente, que é fundamental na obra de José Cardoso Pires, como na maior parte dos autores de ficção. Qual é o ambiente das obras de Cardoso Pires? É o das aldeias, das vilas, ocasionalmente o dos meios pequenos-burgueses das grandes cidades, mas, mais frequentemente, o dos camponeses-operários. A expressão camponeses-operários de José Cardoso Pires, expressão que ele próprio considera inexacta, mas que eu considero adequada à descrição que ele pretende expor. O camponês-operário é o trabalhador de uma agricultura «plana de industrialização, que adquire um perfil próximo do operário sem, no entanto, com ele se identificar. Trabalha nas fábricas, nos arredores da aldeia, em tarefas não especializadas, regressando ao fim da tarde à aldeia.

Esta expressão significativa revela toda uma preocupação e todo um programa. Para começar, é da articulação ou da charneira entre camponês-operário,

JOSÉ PALLA E CARMO

campo-fábrica, agricultura-indústria, que se desenvolvem os traços verdadeiramente mais significativos desta obra e que confere em Portugal, sobretudo em Portugal, um valor muito significativo.

Em, o ambiente por seu lado é localização. Localização no tempo e no espaço. E no universo de confrontos, já comecé a aludir a ele, no universo de confrontos de José Cardoso Pires, no mundo relativista de que já me ocupei, as pessoas são-nos apresentadas naquilo que podemos chamar uma organização espacial. Isto é, no conjunto de inter-relações em que cada uma delas serve de ponto ou ponto de referência em relação à outra. Por outro lado, com respeito ao tempo, também vários momentos ou épocas diferentes podem coexistir, e coexistem nas obras de Cardoso Pires na apresentação que simultaneamente do passado distante, do passado mais próximo e do presente.

Este traço resulta, quanto a mim, tanto se pode dizer que resulta como é causa, do pendor ensaístico de Cardoso Pires. E aproximamo-nos de um outro aspecto da obra literária: o da concepção do mundo ou da cosmologia desse escritor. No primeiro relance, temos realmente o tal velho problema que há pouco vos referi, das relações entre a literatura e a vida real. Já há pouco referimos nele. Não entrarei em pormenor. Seria tema, não para uma conversa, mas para vários coices, que, aliás, eu não estaria em condições de dar. Mas apenas digo: quem, em Cardoso Pires, como aliás em qualquer outro artista procure encontrar a descrição pura e simples da realidade, que se desengane. (...)

NO CENTRO DO UNIVERSO DE CARDOSO PIRES

E eis-nos, creio eu, finalmente, no centro do universo peculiar, típico, característico de José Cardoso Pires, de que nos fomos gradualmente aproximando desta viagem que vos pedi que empreendesse na minha companhia. Narrador, na nota final do «Hóspede de Job» nos auxilia, solitamente, como sempre, e voltarei a este ponto, o próprio autor — é uma gula muito

solícito e um auxiliar precioso do leitor (temos, por conseguinte, tentar corresponder a esta solicitude ou auxílio) e também afirma que este livro não visava — e aqui cito palavras dele — a preocupação documental, aliás legítima, de certas obras. É, antes, uma história de perfeitamente exemplo. Perfeito exemplo. Bem, eu não quero abusar das citações mas lembro que também Voltaire dizia: «Um livro só tem desculpa se nos ensina alguma coisa».

Ora, são as personagens e as circunstâncias do livro, que são assim elementos típicos e característicos recitados com o objectivo de um tom sentencioso e exemplar — também palavras de José Cardoso Pires. Este tom sentencioso e exemplar, único e típico em Cardoso Pires, é que, fatalmente, além de outras características, o há-de diferenciar dos outros escritores portugueses do mundo, digamos. (...)

Há, pelo menos, um traço que tenho apurado: o sentido geral da sua obra parece ser, numa síntese difícil de tirar — e como tal arriscada — o seguinte: a vida social é um sistema em movimento, complexo, que é vivitivamente, serve de ponto de referência a tudo e a todos. Emprende a situação das figuras em movimento, por elas tomadas em relação a esse movimento, que pode e deve ajuizar-se, criticamente, da dignidade dos tipos que elas representam.

Retomando, no tom, exemplos e tipos apresentam um objectivo ético. No prefácio do «Anjo Anconor», o Autor diz que se trata de uma narração de sucessos inventados para instruir ou divertir. E aqui sublinho, se permitirem, duas palavras: inventados.

Por outro lado, com respeito ao tempo, também vários momentos ou épocas diferentes podem coexistir, e coexistem nas obras de Cardoso Pires na apresentação que simultaneamente do passado distante, do passado mais próximo e do presente.

Por outro lado, com respeito ao tempo, também vários momentos ou épocas diferentes podem coexistir, e coexistem nas obras de Cardoso Pires na apresentação que simultaneamente do passado distante, do passado mais próximo e do presente.

Por outro lado, com respeito ao tempo, também vários momentos ou épocas diferentes podem coexistir, e coexistem nas obras de Cardoso Pires na apresentação que simultaneamente do passado distante, do passado mais próximo e do presente.

ENTRELINHAS

Jaime

Todas as pessoas nascem. E em algum sítio, evidentemente. Mas aí está: de quantas pessoas que conheço sei onde nasceram? Por exemplo: Eugénio de Andrade, Cardoso Pires, Corgaleiro, Fernando Pessoa, António Pinheiro, No Porto? Ora bem; aproveitando o aniversário do meu jornal, António Pinheiro levou duas boas centenas de amigos ao Fundão e respondeu-lhes: nasceram por estas bandas... Sabiam? Mas de muitas outras pessoas não só ignoramos onde nasceram, como ignoramos onde morreram. E deste artista português. Um? Dois. O outro é o cineasta António Reis a quem temos de agradecer, portanto, dois (re) nascimentos: o de Jaime Fernandes e o seu próprio. Que felicidade!

no tempo, tipos, tipos ideais, por exemplo, Guida é o tipo da rapariga intelectualizada, independente, emancipada. Naquela data, note-se. A emancipação de hoje é muito diferente daquela. Por outro lado, o engenheiro do «Delfim» é o tipo do sr. feudal, sobrevivente, e ainda com um habitar socialmente dominante. Mas mais do que pessoas ou tipos, são ainda símbolos. Porque tanto Guida como o Engenheiro são símbolos de uma sociedade a ser condenada e ultrapassada pelo corpo social em evolução.

Podemos agora citar mais alguns símbolos de uma sociedade a ser condenada e ultrapassada pelo corpo social em evolução. Mas mais do que pessoas ou tipos, são ainda símbolos. Porque tanto Guida como o Engenheiro são símbolos de uma sociedade a ser condenada e ultrapassada pelo corpo social em evolução.

Podemos agora citar mais alguns símbolos de uma sociedade a ser condenada e ultrapassada pelo corpo social em evolução. Mas mais do que pessoas ou tipos, são ainda símbolos. Porque tanto Guida como o Engenheiro são símbolos de uma sociedade a ser condenada e ultrapassada pelo corpo social em evolução.

AS GRANDES CONTRADIÇÕES DA SOCIEDADE PORTUGUESA

Portanto, na sua essência, a obra de Cardoso Pires revela as grandes contradições da sociedade portuguesa. Não páramos ainda, todavia, da nossa volta ao mundo da obra de Cardoso Pires. Ao reunir, sob o título de «Jogos de Azar» quase todos os contos de seus primeiros volumes, assim se ocuparam muitos contos das «Histórias de Amor», um deles — um conto que eu considero dos mais notáveis da Literatura portuguesa — o «Romance com Data» — José Cardoso Pires ao reeditar esses contos, diz que essa reedição se

(CONTINUA NA 13.ª PÁGINA)

AUGUSTO ABELAIRA (© Séculos)

